

FMS		CE		357	
BIBLIOTECA					
Jornal					
Dia <i>A Tarde</i>					
27-11-94					
Caderno		Página			
J		3			
Capa					
Assunto					
<i>Abolição</i>					

Federais desocuparam a invasão Jardim Brasília

Pouco depois das 7 horas da manhã de ontem, 45 policiais federais com o apoio de 25PMs, três caminhões da CHESF e duas ambulâncias chegaram à invasão do Jardim Brasília, próximo ao Detran, para desocupar a área por determinação da juíza Neuza Maria Alves da Silva, da 5ª Vara Federal. A CHESF, proprietária do terreno, havia conseguido liminar para a retirada dos cerca de 80 barracos, a maioria montados nas últimas semanas. "Viemos aqui dar apoio à ação dos oficiais de justiça. Vocês devem desmanchar os barracos e recolher os seus pertences. Não vamos bater em ninguém, queremos compreensão para que vocês ajudem a realizar a operação", avisou na chegada o chefe da operação, delegado Sérgio Sampaio, da Polícia Federal.

Enquanto os policiais se espalhavam pela encosta, os caminhões estacionaram no campo de futebol situado entre a nova invasão e Saramandaia. Inicialmente os invasores se mostraram dispostos a continuar ressitindo no local, discutindo com os policiais aos gritos: "É uma injustiça. Aqui está todo mundo desempregado, não temos para onde ir". Os mais exaltados lançaram palavras de ordem: "Ninguém sai de dentro do barraco. Vão ter que arrastar a gente junto com o barraco". Em meio ao bate-boca, mulheres grávidas começaram a passar mal, houve ajuntamento e correria, que culminaram com incidentes polêmicos, por volta das 8h45min.

O padre Geraldo Fatharta, da Paróquia de São Francisco de Assis, morador de Saramandaia há oito anos, caiu sobre uma senhora e acusou um agente federal de ter lhe empurrado

no momento em que abria passagem para uma gestante que estaria abortando. "Você se jogou no chão, nós vimos", replicou o agente federal Alberto. "Sou mentiroso?" — indagou o padre, lívido, enquanto os moradores em volta confirmavam que não só o padre como a senhora foram empurrados por um federal. "Tem gente aproveitando o clima tenso para jogar o pessoal contra a Polícia", disse o delegado José Alberto Alves dos Santos, da PF, embora reconhecendo que algumas pessoas se sentiram mal. Essas pessoas foram colocadas numa ambulância, mas, segundo o motorista da viatura, logo adiante "sararam" e pediram para descer.

Em vários pontos da invasão, o quadro era desolador. Sentada chorando, ao lado dos quatros filhos e dos poucos pertences, o barraco desarmado, a doméstica Judite Bispo dos Santos, natural de Amargosa, indagava: "Quero saber onde vou ficar com os meus filhos, não tenho pai nem mãe". Enquanto isso, de outros barracos desmontados saíam famílias inteiras em fila, cada um carregando alguma coisa, telhas, cadeiras, bujão de gás, sofá. "Meu filho tomou tapa no peito de um policial federal", denunciou a porta-voz da invasão, Idalina Pereira Bispo, mas o agente negou a agressão. "Fica parecendo que somos um bando de marginais", acrescentou Idalina, manifestando revolta com a ordem da juíza da 5ª Vara, mas admitindo que "não vai ter resistência. Está todo mundo saindo". Alguns invasores, porém, prometeram voltar e reerguer os barracos quando os policiais forem embora.



A Polícia Federal acabou fazendo cumprir a decisão da Justiça